



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA A COR DA CULTURA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA “ALEGRIA DE
APRENDER” – CUIATEGI/PB

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

Guarabira – PB
Novembro – 2015

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA “ALEGRIA DE APRENDER” – CUIATEGI/PB

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, mantido pela Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades, Campus III, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Guarabira – PB
Novembro – 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Valter do Nascimento da
Relações étnico-raciais no cotidiano da escola [manuscrito] :
"Alegria de Aprender" – Cuitégi/PB / Valter do Nascimento da
Silva. - 2015.
62 p. : il., color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na
Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Waldeci Ferreira Chagas, Educação".

1. Cotidiano Escolar. 2. Relações Étnico-raciais. 3.
Docentes. 4. Discentes. I. Título.

21. ed. CDD 320.56

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA “ALEGRIA DE APRENDER” – CUITEGI/PB

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, mantido pela Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades, Campus III, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Aprovado em 14 de Novembro de 2015

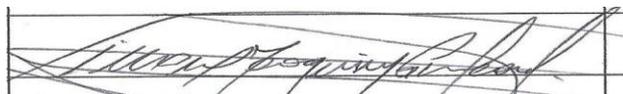
Banca Examinadora



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (UEPB/CH/DH)
(Orientador)



Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto (UEPB/CH/DH)
(Examinador)



Profª MS. Simone Joaquim Cavalcante (UFPB/PPGE)
(Examinadora)

Guarabira – PB
Novembro – 2015

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao “Senhor Deus” que me concedeu a graça de buscar sempre o entendimento e o saber diante do processo de ensino-aprendizagem ao longo do curso.

Aos meus pais que direta ou indiretamente contribuíram para que este projeto se realizasse. A minha família por sempre incentivar a busca pelo estudo e a formação.

Aos (as) professores (as) do Curso de Especialização, os quais fizeram parte da minha trajetória na academia. Ao orientador deste trabalho, Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Não posso esquecer o apoio de todos (as) os (as) professores (as), auxiliares, enfim, toda a comunidade escolar na pessoa da gestora Flaviana Barbosa, meu muito obrigado.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram e me deram forças para concluir e realizar este curso. Muito Obrigado!

A “Deus altíssimo”, que sempre me deu forças pra seguir na caminhada. Também a todos que colaboraram para realização deste trabalho. **Dedico.**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações étnico-raciais no cotidiano escolar da “Escola Alegria de Aprender”, trata-se de uma instituição da educação básica e integra a rede pública de ensino da cidade de Cuitegi, Estado da Paraíba. Nele analisamos as relações no tocante ao ensino-aprendizagem, a relação entre professores (as) e alunos (as), como se dão as relações frente ao ensino-aprendizagem, as práticas que envolvem o contato direto entre alunos (as) negros (as) e seus professores (as), também discutimos se no espaço escolar, é aplicada a Lei 10.639/03. Como metodologia da pesquisa, recorreremos a autores que trabalham com a temática, tais como Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Gomes (2005), Heller (2002), entre outros. Ainda entrevistamos professores/as da referida escola. Outra ferramenta de pesquisa utilizada foram as observações diárias feitas no cotidiano da escola. Por fim, trazemos neste TCC informações da escola observada, mostrando que a mesma se destaca diante das propostas curriculares referentes ao ensino da história/cultura da África e dos afro-brasileiros, buscando sempre dar visibilidade a criança negra e, dessa forma, quebrando com os estereótipos presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Relações étnico-raciais. Docentes/discentes.

ABSTRACT

This study aims to analyze the ethnic-racial relations in everyday school life of the "School Joy of Learning", this is a School of Basic Education of the city of Cuitegi, State of Paraíba. Thus, this TCC examines these relationships with respect to the learning and the very relationship between teachers (as) and students (as). In this context, we seek to understand how to give these relations forward to the learning and practices that involve direct contact between students (as) black (as) and their teachers (as). We also show up at school, practiced the Law 10.639 / 03, always seeking to give visibility to the student (a) black (a). For the research methodology we used authors working with the theme, such as Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Gomes (2005), Heller (2002), among others that are part of this work. We seek information from the said school teachers through interviews. Another tool used in this research were the daily observations in the school routine. Finally, we bring this TCC school information observed, showing that it stands on the proposed curriculum for the teaching of history / culture of Africa and the african-Brazilian, always seeking to give visibility to black child and thus breaking with stereotypes present in our society.

Keywords: Everyday school. Ethnic-racial relations. Teachers / students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR	13
1.1. Afinal, o que entendemos por cotidiano?.....	13
1.2. Um olhar para as relações étnico-raciais no espaço escolar.....	16
1.3. O/A aluno/a negro/a e sua identidade.....	20
1.4. A Lei 10. 639/2003.....	23
CAPÍTULO II – A CRIANÇA NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR: invisibilidade nos instrumentos pedagógicos	27
2.1 – Currículo: invisibilidade do (a) negro (a).....	27
2.2 – Livros didáticos: invisibilidade do (a) negro (a).....	32
CAPÍTULO III – O FAZER COM A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA ALEGRIA DE APRENDER – CUITEGI/PB	39
3.1. As Práticas Pedagógicas com a história e cultura afro-brasileira e africana na Escola Alegria de Aprender.....	40
3.2. Coleta de dados: análise das entrevistas do corpo docente.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa, estamos abordando a questão da temática afro-brasileira, destacando a busca em compreender as relações étnico-raciais no cotidiano escolar da Escola “Alegria de Aprender¹”, no município de Cuitegi, Estado da Paraíba. A partir de então, abordamos as relações étnico-raciais dos/as professores/as e seus/suas alunos/as. Buscamos identificar se essas relações contribuem ou atrapalham no que se refere ao ensino-aprendizagem, e ao próprio contato entre professores (as) e alunos (as) e também entre aluno/aluno.

Também buscamos identificar como a temática africana e afro-brasileira é apresentada no cotidiano escolar, por meio de observações que nos proporcionaram uma visão mais crítica do espaço, onde muitas vezes as relações étnico-raciais se dão de forma muito conturbada entre professores e alunos e também entre os próprios alunos. Para tanto, o currículo escolar e o livro didático são apresentados e questionados neste trabalho.

O estudo de campo, de natureza etnográfica, fez com que observássemos melhor essas relações destas pessoas. Tentamos observar o porquê que essas vivências, em muitos casos, atrapalham o ensino-aprendizagem dos indivíduos. Portanto, acreditando que a questão racial interfere nessas relações de aprendizagem e relacionamento no seio escolar, pois o aluno (a) negro (a) sai com um grande prejuízo diante desse cenário, uma vez que este é sempre denotado como um ser incapaz, só por ser de pele preta.

Para realização deste trabalho, fizemos uma pesquisa bibliográfica, para tanto, recorreremos a autores/as que trabalham com a temática, tais como Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Gomes (2005), Heller (2002), entre outros que fazem parte deste trabalho. Buscamos informações junto aos (as) professores (as) da referida instituição por meio de entrevistas. Pois, a análise dos discursos dos docentes no campo, foi de grande importância, uma vez que a fala destes sujeitos nos proporcionaram obter informações pertinentes à pesquisa.

Outra ferramenta de pesquisa utilizada nesta monografia foram as observações diárias feitas no cotidiano da escola, estas foram de grande valia para a realização deste TCC.

¹ Nome fictício para representar a Escola pesquisada.

Para melhor compreensão na leitura, este trabalho está dividido em três capítulos, os quais versam, no geral, de temáticas referentes às relações étnico-raciais no cotidiano escolar. Trazemos logo no 1º capítulo informações daquilo que é o cotidiano escolar, as relações étnico-raciais no espaço escolar e também dados referentes a Lei 10.639/03 e o/a aluno/a negro/ e sua identidade.

No segundo capítulo, destacamos os instrumentos pedagógicos, tais como: o currículo escolar e o livro didático. Estes como instrumentos que tem forte influência cultural na vida dos (as) alunos (as), desde que busquem contemplar todas as culturas existentes no país.

Por fim, destaco o papel da Escola “Alegria de Aprender” frente a um ensino mais igualitário, buscando sempre a importância de se ter dentro de uma comunidade escolar, temáticas voltadas ao ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira, ou seja, destaco o ensino-aprendizagem e se dentro deste contexto os (as) alunos (as) negros (as) são vistos de um ponto de vista positivo, portanto, dando-lhes visibilidade e mais reconhecimento dentro de sua etnia/cultura.

CAPÍTULO I

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR

1.1. Afinal, o que entendemos por cotidiano?

Neste capítulo vamos discutir sobre a teoria do cotidiano. Assim, por vida cotidiana, podemos entender muito mais do que os afazeres práticos diários. Afinal, por que é importante discutir e analisar o cotidiano suas práticas e questões, principalmente no que diz respeito à realidade escolar? Vejamos o que diz Chizzoti a respeito de tal questão:

O tema do cotidiano tem aparecido com frequência nas pesquisas e nos estudos da Educação e das Ciências Humanas em geral, evidenciando-se um interesse crescente dos pesquisadores pelas chamadas “questões do dia-a-dia, pelas questões mais rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida e os significados que as pessoas vão construindo, nos seus hábitos, nos rituais que celebram no recinto doméstico ou da sala de aula” (CHIZZOTTI, 1992, p. 87-88), nas ruas ou nas igrejas, e todo o sentido social e político dessas práticas e comportamentos que se expressam “na penumbra”, num cotidiano tão carregado de contradições. O estudo das realidades que formam o cotidiano tem se realizado por óticas diferentes. (CHIZZOTTI apud DURAN, 2007, p. 116).

As discussões formuladas por (CHIZZOTTI, 1992) e (DURAN, 2007) são denotativas da importância que o estudo do cotidiano representa nas pesquisas acadêmicas, visto que envolve as questões da educação e sua rotina diária, principalmente no espaço escolar. O cotidiano é o espaço caracterizado pela rotina comum em que muitas ideias surgem e em muitos casos de forma homogênea a todos os sujeitos.

O cotidiano também é o espaço das transformações ideológicas e das concepções de mundo. Por isso, é a rotina diária, ou seja, as relações cotidianas que ocorrem em sala de aula e fora dela que vão nos dizer se estamos produzindo ou reproduzindo preconceito ou racismo em sala de aula e em todo espaço escolar.

As ações que realizamos no cotidiano não precisam ser pensadas em todos os detalhes, porque muitos dos atos que fazemos no dia-a-dia estão tão impregnados em nós que não precisamos e não devemos parar para pensar neles. São hábitos repetidos e automatizados que o senso comum acaba por definir como naturais. Essas experiências vividas na cotidianidade são, segundo Heller, responsáveis pela estruturação das sociedades e das

identidades. No entanto, é na rotina diária que as pessoas agem e reagem reproduzindo ou não preconceitos. (MARTINS; MUNHOZ, 2007, p. 15).

Conforme a citação acima é no dia a dia do espaço escolar, compreendido como espaço de poder, que identificamos a formação das sociedades e das identidades. Para tanto, é necessário ao/a professor/a uma formação específica no que tange as questões étnico-raciais a fim de que colabore com a construção de uma sociedade igualitária onde o racismo deixe de ocorrer cotidianamente, principalmente nas relações entre professor/a e aluno/a. Para que isso se efetive.

O (a) professor (a) ao trabalhar com a temática cultura afro-brasileira deve atentar para não reproduzir a ideia de inferioridade da África, dos africanos e dos negros brasileiros. A perspectiva é a de que aguace nos estudantes o senso crítico na perspectiva de que outra imagem seja construída. Por outro lado, também é necessário que atentem para o fato de que a inclusão dessa temática na sala de aula não pode ser encarada como uma mera obrigação imposta pelo Estado, mas uma decisão política e pedagógica do professor (a), uma vez que ele não só estará colaborando na desconstrução dos estereótipos negativos com relação aos negros (as), mas, sobretudo, possibilitando aos estudantes negros (as) e não negros (as) elementos indispensáveis à construção de outra imagem de si e do seu semelhante. (CHAGAS, 2008, p. 16).

Na sua prática cotidiana em sala de aula, o/a professor/a deve se manter atento/a, pois ao se trabalhar a temática dos povos africanos e afro-brasileiros pode contribuir com a ideia de inferioridade dos negros e, desta forma, reforçar e reproduzir as práticas racistas existentes na sociedade brasileira. Assim, dentro do que o autor destaca, também me preocupei em observar se os professores da escola observada, estavam atentos a esses conceitos que, de certa forma, são fundamentais para um melhor ensino-aprendizagem.

A atenção do/a professor/a em sala de aula na relação cotidiana com o/a aluno/a é relevante, pois o adulto é capaz de se sobressair na sua cotidianidade escolar, mas durante o processo inicial de educação não é tão simples, uma vez que:

(...) O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER apud MARTINS; MUNHOZ, 2007, p. 15).

Na discussão fomentada por Heller (2007) essa autora destaca as habilidades que o homem adquiriu desde os tempos primórdios, estas foram essenciais para sua sobrevivência em sociedade. Todavia, algumas habilidades adquiridas ao longo da vida deixam a desejar, a exemplo do racismo e outras práticas negativas frente a uma educação igualitária. Assim, na prática cotidiana da sala de aula, muitas vezes o racismo é praticado e silenciado por professores/as e estudantes. Uma realidade um tanto, problemática, haja vista, a escola ser por excelência espaço de desconstrução dos estereótipos e de formação das identidades. Mas nem sempre possibilita aos sujeitos que a frequenta esse exercício.

Nessa perspectiva o conceito de cotidiano proposto por Heller deve ser constantemente criticado, pois segundo essa autora o homem já nasce inserido num cotidiano. Discutindo ainda mais acerca do que seria cotidiano, Duran faz a seguinte afirmativa:

Apreendi, com Michel de Certeau, que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. (...) “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. (...) “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados”. (DURAN, 2007, p. 118).

Segundo Duran (2007), Certeau compreende a cotidianidade como aquilo que nos oprime e que existe uma opressão no presente. Essa formulação se confunde com as formulações de Heller quando afirma que no cotidiano o “indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida em sociedade”. Por que o cotidiano, segundo Certeau, é aquilo que nos pressiona dia após dia?

Enquanto Duran afirma que o ser humano tem certas habilidades para o convívio cotidiano em sociedade, Certeau afirma que existe certa opressão/pressão no cotidiano. Isso faz do cotidiano um fenômeno complexo, pois diversas são as teorias que tentam explicá-lo ou conceitua-lo.

Nesse sentido, “a dimensão da cotidianidade estaria no circuito de tensão permanentemente conectado com a possibilidade de sermos seres humanos melhores, a possibilidade da grande transformação que somente o próprio homem poderá realizar” (GUIMARÃES, 2002, p. 35).

1.2. Um olhar para as relações étnico-raciais no espaço escolar

Desde a colonização do Brasil com a transferência dos africanos para a nova terra, o universo das relações entre brancos e negros passou a existir. Nesse sentido, falar de relações sociais e raciais sem observar a presença do contingente de negros (as) que veio para essa terra é negar a história dessa nação e suas relações com outros povos.

Outro ponto importante acerca das relações raciais no espaço escolar é a compreensão acerca dessa questão. O que afinal define/conceitua relação étnico-racial.

Entendem-se aqui, por relações étnico-raciais, aquelas estabelecidas entre os distintos grupos sociais, e entre indivíduos destes grupos, informadas por conceitos e ideias sobre as diferenças e semelhanças relativas ao pertencimento racial destes indivíduos e dos grupos a que pertencem. Relacionam-se ao fato de que, para cada um e para os outros, se pertence a uma determinada raça, e todas as consequências desse pertencimento. Em outras palavras, quando estamos face a face com outra pessoa, é inegável que seu fenótipo, cor da pele, penteado e forma de vestir-se desencadeiam, de nossa parte, julgamentos sobre quem é, o que faz e até o que pensa tal pessoa. Dessa forma, informados por estereótipos, se não estivermos atentos, podemos manifestar, por palavras e gestos, discriminação, desrespeito, desqualificação. Estes julgamentos decorrem de preconceitos. Pessoas negras têm sido vítimas deles. Não poucas vezes se ouve que pessoas “desta raça”, os negros, são feios, sujos, violentos ou preguiçosos. (VERRANGIA; SILVA, 2010, pag. 709).

A citação acima caracteriza o que de fato são relações étnico-raciais. Compreendemos que realmente na sociedade brasileira que se construiu ao longo do tempo, o quão foi difícil cada grupo étnico manter-se em equilíbrio, principalmente entre brancos e negros.

De posse do conceito de relação étnico-racial, nos interessa discutir como se dão as relações étnico-raciais no espaço escolar. Nesta perspectiva, compreendemos que a igualdade nas relações étnico-raciais no contexto escolar é um desafio, pois muitas são as nossas indagações referentes à temática, mas uma resposta positiva acerca destas relações na escola é uma verdadeira construção, que ao longo do tempo, irá surgir com bons frutos. Mas,

Discute-se o desafio que a educação brasileira enfrenta para se ter uma igualdade das relações étnico-raciais nas unidades escolares. A educação é um direito de todos, sendo o principal meio para o acesso à cidadania, dando possibilidades para o indivíduo galgar uma melhor qualidade de vida,

através de sua participação social no meio em que vive. (VERGULINO; SILVA; SILVA, 2013, p. 02).

Acerca das relações étnico-raciais ocorrem de modo positivo, esses autores destacam que é um verdadeiro desafio para um país de grandes proporções, o qual é o Brasil, para lidar com as diferenças presentes nos diversos setores, além do espaço escolar. Daí, notamos quão grande é o problema, pois assim como os autores concordamos que a educação transforma e possibilita ao cidadão educado elementos a que construa uma vida com qualidade, isso é fato. Mas, a escola sozinha não pode executar essa tarefa, sobretudo, porque as relações étnico-raciais transcendem o espaço escolar e também ocorrem em outras instituições, a exemplo dos meios de comunicações, nas famílias, nas igrejas e etc.

Desta forma, quando pensamos na palavra “igualdade” não pensamos na perspectiva de que as relações se estabeleçam de forma passiva em todos os sentidos, tais como: a promoção da identidade negra seja mais trabalhada e construída na escola através do olhar crítico do/a professor/a que objetiva formar cidadãos/ãs socialmente participativos. Esse processo é permeado pelo conflito, visto tratar-se de uma relação de poder, porém não significa dizer que uma etnia é superior em relação à outra. A relação étnico-racial é conflituosa, mas nela não se exclui o respeito e o reconhecimento do valor que o outro possui para a existência da sociedade. A relação étnico-racial se caracteriza pela alteridade, ou seja, pelo reconhecimento do outro. Só existirá o branco se o negro existir. No entanto, faz-se necessária que existam também as condições materiais a que ambas as etnias vivam dignamente, conforme enunciado no trecho abaixo.

Nós negros queremos apenas um lugar tranquilo para vivermos, construirmos os nossos lares e sermos respeitados, um lugar onde nossos filhos possam estudar, brincar e trabalhar sem serem motivo de chacota dos colegas. (CAVALLEIRO apud VERGULINO; SILVA; SILVA, 2013, p. 05).

Cavalleiro ainda afirma que inúmeros são os desafios encontrados hoje quando se discute as relações étnico-raciais no Brasil, sobretudo na escola, visto que muitas crianças e jovens passam boa parte do tempo no espaço escolar. Por isso, a boa relação entre alunos/as e professores é algo imprescindível à construção

da identidade étnico-racial e a aprendizagem. No entanto, a relação étnico-racial na escola não é tão simples assim, afirma Cavalleiro:

(...) Nesse ambiente diferenciado para negros e brancos, percebe-se que a harmonia sai de cena, cedendo espaço para acontecimentos que transformam a plena aceitação de todos por todos em momentos de tensão e conflitos. As professoras admitem as dificuldades das crianças nas relações umas com as outras. Elas lembram que há crianças com problemas em casa, o que interfere na escola, tornando-as, quase sempre, agressivas. Para algumas professoras, outras reproduzem na escola o modelo das relações predominantes em suas famílias. (CAVALLEIRO, 1998, p. 94).

Na sua pesquisa Cavalleiro (1998), trouxe a seguinte problematização: experiências de professoras que relatam as relações raciais no cotidiano da escola e nelas apontam a tensão entre alunos brancos e negros no que se refere à boa convivência. A convivência na escola é influenciada pelo lugar social de cada uma das crianças e interfere no processo ensino/aprendizagem delas. Ocorrem de muitas crianças trazerem de suas casas problemas para dentro da sala de aula e estes determinarem os tipos de relações que estabelecerão com os colegas e professores/as na escola.

Por isso, na relação com os alunos/as em sala de aula é importante que professores/as estejam atentos, pois nem sempre as crianças estão fora do universo do racismo e preconceito, como afirma Lima:

Veja bem: nem as crianças estão livres do preconceito, já que carregam consigo, inconscientemente, o que é veiculado pelos adultos, no convívio com a própria família ou num contexto mais amplo das suas vivências. (LIMA, 2009, p. 116).

O importante é o professor na sala de aula observar a individualidade de cada aluno/a e assim compreender o perfil de cada um. Sem, no entanto, se esquecer de que cada qual tem sua história e traz para a escola uma carga de valores e conceitos que vão se chocar.

Estou, com isso, dizendo que o melhor projeto de trabalho que venhamos a construir é, de uma vez por todas, focarmos o nosso olhar para o dia a dia das crianças, aprendendo a ouvi-las nas suas opiniões, e não entregando tudo pronto. Cada aluno tem uma história individual, construída. (LIMA, 2009, p. 122).

Portanto, o/a professor/a em sala de aula deve dar voz aos/as alunos/as e assim fazer com que se sintam também participantes ativos cotidianamente e, dessa forma, construa o equilíbrio nas relações étnico-raciais estabelecidas na escola, e possibilite a todos/as um ensino de qualidade fundamentado no respeito às diferenças raciais.

Nesse sentido é necessário o/a professor/a compreender a escola como um ambiente capaz de promover a identidade do indivíduo por meio da convivência satisfatória, onde o respeito à diversidade esteja acima de qualquer situação conflituosa. No entanto, não pode prescindir que,

A escola não é a única instituição responsável pela educação das relações étnico-raciais, uma vez que o processo de se educar ocorre também na família, nos grupos culturais, nas comunidades, no convívio social proporcionado pelos meios de comunicação, entre outros. É importante ressaltar que a escola é um ambiente privilegiado para a promoção de relações étnico-raciais positivas em virtude da marcante diversidade em seu interior. É o entendimento do Movimento Negro, de educadores, crianças, jovens e adultos negros e também de muitos professores conscientes das práticas sociais levadas a cabo no cotidiano escolar (...). (VERRANGIA; SILVA, 2010, p. 710).

Para isso, é necessária uma educação voltada para a diversidade onde os/as educadores/as estejam atentos às diferenças sociais, econômicas e raciais e sejam capazes de promover a igualdade na diversidade.

Cabe, portanto, a reflexão, de modo que professores/as entendam o universo escolar e nele visualize as diferenças. Para tanto, faz-se necessárias práticas que promovam o respeito à pessoa humana e promova a igualdade étnico-racial e sociocultural dentro e fora da escola, visto que:

No espaço escolar são reproduzidos constantemente valores e conceitos propagados socialmente, talvez de maneira mais reveladora e objetiva, que dependendo do posicionamento e método pedagógico fundamentado e adotado pela escola, podem ganhar ou não mais força, o que tem acontecido de um modo geral nas escolas públicas brasileiras, revelando a incapacidade e o atraso presente predominantemente nas práticas pedagógicas diante das situações discriminatórias. Tudo depende do tipo de informação que os alunos têm acesso, que, em geral, são distorcidas da realidade dentro e fora do espaço escolar, pois se nas escolas prevalece a presença de materiais didáticos que excluem e inferiorizam a cultura afro-brasileira, fora dela a situação é praticamente a mesma, afinal, existem hoje uma série e infinidade de meios de socialização diferentes da escola, que influenciam diretamente na mentalidade desses sujeitos que estão em

processo de desenvolvimento. (AZEVEDO apud VERGULINO; SILVA; SILVA, 2013, p. 06).

Essa citação é denotativa de que a qualidade da relação étnico-racial desenvolvida na escola depende da formação e do tipo de abordagem de conteúdos a que os (as) alunos (as) têm acesso na sala de aula, conforme destacam os autores. Ou seja, é primordial ao desenvolvimento e formação do alunado ter acesso aos conteúdos de cultura africana e afro-brasileira. O acesso a esses conteúdos de forma crítica e positiva é necessário à construção de boas relações raciais, pois historicamente a história do povo negro no Brasil sempre foi feita de forma a inferioriza-lo. Portanto, o tipo e a abordagem do conteúdo são de suma importância para que se construam relações étnico-raciais equilibradas e respeitadas.

1.3. O/A aluno/a negro/a e sua identidade

Toda identidade exige reconhecimento, caso contrário, ela poderá sofrer prejuízos se for vista de modo limitado ou depreciativo. Para falar de identidade, temos que, antes de tudo, entender o que vem a ser identidade, pois sabemos que identidade é uma construção que se faz com atributos culturais adquiridos pelo indivíduo através da herança cultural. A identidade confere diferença aos grupos humanos. Observamos essas diferenças, sobretudo, na escola, espaço onde se encontra a maior diversidade étnico-cultural e racial.

No entanto, quando trabalhamos com este conceito entendemos que não é tão simples assim: “Trabalhar com o conceito de identidade não é tarefa fácil, devido à sua complexidade de conceituação.” (PROENÇA; TENO, 2011, p. 133). Dessa forma, vamos entender um pouco desse conceito.

Conforme frisamos anteriormente o conceito de identidade é complexo, sobretudo, afirmarmos uma identidade específica a cada indivíduo, quando vivemos em um país cuja principal característica é a diversidade. No entanto, essa condição não impede que exista identidade. Dessa forma, entendemos que,

(...) identidade vai sendo construída ao longo da vida, pela história que vive e pelos papéis que o indivíduo vai exercendo, ele vai adquirindo **várias identidades em constantes transformações**. Esse movimento, Ciampa denomina de metamorfose para indicar não apenas as mudanças como as que estão por acontecer, o que se concretizam, em cada momento de uma forma específica, dadas as condições históricas e sociais determinadas. A

identidade é movimento e não deve ser vista apenas de modo científico e acadêmico, mas, sobretudo, como uma questão social e política. (PROENÇA; TENO, 2011, p. 135, grifo nosso).

Essas autoras compreendem que a identidade é construída a cada momento em que o sujeito se insere no contexto de sua formação e participação social. A identidade é construída na história que cada indivíduo escreve na vida em comunidade e nas transformações sociais que passa a vivenciar. Portanto, a identidade se constrói cotidianamente nas relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros nas comunidades onde estão inseridos. Assim podemos falar em “metamorfose das identidades”, ou seja, que não podemos apontar uma única e exclusiva identidade a um sujeito, mas que podemos entender que esse conceito é múltiplo.

Para que a identidade étnico-racial dos sujeitos seja construída é necessário que reflexões sobre as relações étnico-raciais sejam trabalhadas a partir da educação em todos os níveis, sobretudo, na educação infantil. Trata-se do momento inicial de cada aluno no espaço escolar. Refletir sobre a questão étnico-racial na fase inicial da escola leva a criança negra a se ver como sujeito negro e aprender sobre a história e cultura afro-brasileira. Gomes (2005), referindo-se a identidade negra diz que:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família, vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo. É um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural. (GOMES, 2005, p. 43).

Os questionamentos formulados por Gomes acerca da construção da identidade étnico-racial nos possibilitam pensar sobre a realidade das escolas,

sobretudo, das instituições públicas, onde o maior número de alunos e alunas são negros/as e, no entanto, os trabalhos sobre a identidade negra são realizados isolados. As escolas ainda estão alheias às situações preconceituosas que todos os dias se manifestam no seu cotidiano. Lamentavelmente, o tema não é tratado com prioridade nas reuniões e planejamentos escolar, o que decorre do fato de a problemática étnico-racial não ser prioridade entre professores/as.

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. (GOMES, 2005, p. 42).

Sabe-se que um aspecto importante na promoção da identidade negra é a educação reflexiva sobre a relação entre negros e brancos no meio social, político e cultural do Brasil. A construção da identidade negra requer cuidado especial que envolve dimensões pessoais e sociais. Diante disso é preciso que tomemos consciência da diversidade social e cultural da sociedade brasileira e nela, destaquemos o que cada grupo tem possibilitado para o desenvolvimento do país, buscando dessa forma, a valorização de cada um com sua particularidade.

De acordo com Souza (2005) a formação da identidade na escola se dá segundo o relacionamento entre aluno-aluno e professor-aluno. Aluno que de forma positiva foi despertado para o sentimento de respeito terá maior probabilidade de aceitação e valorização da criança negra e de aceitar-se enquanto negro/a no espaço escolar.

A instituição escolar, por meio do relacionamento aluno-aluno e professor-aluno, pode construir conscientemente para uma formação de identidade positiva das crianças negras, livre de sentimento de inferioridade imposto pelo preconceito, promovendo sua auto aceitação, autovalorização, etc. (SOUZA, 2005, p. 207).

Reafirmamos que a educação é um dos principais mecanismos responsável pela formação de um povo. A escola é uma instituição social de grande relevância na promoção da transformação histórica, social e cultural do país, no entanto, não é a única responsável por transformar a sociedade, mas pode formar os sujeitos, ou seja, dar-lhes subsídios a que transformem a sociedade. Nesse sentido, a família também aparece como um agente importante, uma vez que as primeiras relações se

dão dentro do seio familiar, dessa forma, interagindo com o cotidiano escolar buscando definir em qual cultura o aluno se identifica, e fazendo com que o mesmo se identifique e tenha orgulho de pertencer a dado grupo racial.

1.4. A Lei 10. 639/2003

As discussões em torno da questão da educação do negro no Brasil tem se tornado nos últimos tempos um dos pontos importantes para os responsáveis pela prática educacional com a finalidade de corrigir demandas que diferencia a educação. Diante disso, nos voltaremos neste espaço para uma breve análise da lei 10.639/2003 e as possibilidades práticas que essa lei oferece para a efetivação da educação para as relações étnico-raciais. Buscaremos entender o que propõe essa lei.

Antes, porém, o que realmente aconteceu no período anterior a esta lei 10.639/003? Pois bem, entendemos que a lei 10.639/003 é um marco importante para que tenhamos uma educação democrática e uma sociedade mais igualitária. Muitas foram às lutas em torno da aprovação dessa lei, como afirma Pereira e Silva:

A referida lei não foi sancionada de um dia para o outro. Ao contrário, antes de ser sancionada, passou por diversos estágios, resultando dos movimentos negros da década de 1970 e do esforço de simpatizantes da causa negra na década de 1980, quando diversos pesquisadores alertaram para a evasão e para o déficit de alunos negros nas escolas, em razão, entre outras causas, da ausência de conteúdos afrocêntricos que valorizassem a cultura negra de forma abrangente e positiva. (PEREIRA; SILVA, ano desconhecido, p. 02).

Ou seja, os autores mostram a força das diversas vertentes da sociedade em prol de medidas mais justas que promovessem a igualdade racial. Perceba que esses questionamentos sempre observavam de certa forma, o cotidiano e o currículo escolar.

Diante desse contexto, se olharmos um pouco para trás observaremos o negro como um agente excluído, diante de uma sociedade altamente racista. Também apontamos as lutas sociais, que quem primeiro se manifestou nesse cenário de injustiças foi o próprio negro. É o que mostra a citação abaixo:

Mesmo antes da República Velha, a “mistura racial” era considerada um atraso para a nação, com muitos teóricos, no final do século XIX, afirmando que o declínio e retardamento do país eram devido a esse fato. Nesse momento, o negro teve de trilhar seu próprio caminho, separados de seus familiares, de suas raízes e de sua identidade. Desse modo, era necessário que a iniciativa de se inserir numa sociedade excludente, discriminatória e estamental partisse do próprio negro (...). (PEREIRA; SILVA, ano desconhecido, pp. 02-03).

Observando o contexto histórico de práticas racistas que o negro passou, fora necessário que os movimentos sociais negros surgissem a fim de mostrar que os negros também eram pessoas como qualquer outra e não representavam o atraso da nação como muitos queriam e afirmavam no final do século XIX e início do século XX.

Mesmo que aos poucos, tenham surgido pessoas engajadas com esta causa, o que resultou na criação, no século XX, do Movimento Negro Unificado (MNU) este passou a se preocupar com mais veemência e propagar na sociedade brasileira a existência do preconceito racial e sociocultural sofridos pela gente negra e a reivindicar melhoria das condições de vida para essa população, o que representou enfrentar o racismo.

Assim, frente aos vários fatores relacionados às questões socioculturais e políticas, foi com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a chamada “Constituição Cidadã” devido à participação dos vários grupos presentes na sociedade brasileira, que o Movimento Negro buscou o reconhecimento dos negros na sociedade brasileira. Dessa forma, o artigo 215 da Constituição Federal afirma que:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2º A Lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. (CF, 2005, pp. 198-199).

A exemplo dos demais grupos da sociedade brasileira, as pessoas negras passaram a ter seus direitos garantidos, como reza a Constituição Brasileira de 1988. As pessoas negras passaram a ter direito a educação e também a expressar sua cultura, como ser social, político e cultural que compõem a sociedade brasileira.

O texto constitucional garante a questão das datas comemorativas como forma de destacar a presença de cada grupo étnico-racial na construção do país: índios, brancos e negros. Ou seja, dar ênfase a república totalmente pluricultural.

O que mudou na LDB depois da aprovação da Lei 10639/2003? A mudança destacamos logo abaixo. Assim, vejamos como ficou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a (LDB), mais precisamente em seu artigo 26:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, **torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.**

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de **todo o currículo escolar**, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (LDB, 1996, p.20, grifo nosso).

Portanto, a lei 10.639/2003 propõe a revisão do currículo escolar, incluindo o ensino de história e de cultura africana e afro-brasileira nas escolas, visando reparar e desconstruir a formação histórica social que antes era transmitido em sala de aula. Desta forma, levando a uma reflexão de forma que os alunos e alunas passem a conhecer melhor a história da diversidade étnica existente no país e a se reconhecerem em sua formação étnica.

Todo o resgate de lutas em prol da criação de um instrumento que garantisse melhor equilíbrio social e uma sociedade respeitosa, só veio a se confirmar depois de muito tempo com o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2003:

(...) a lei 10.639 foi aprovada em 1999 e promulgada em janeiro de 2003, pelo presidente Lula, em cumprimento de uma promessa de campanha do então candidato, que, na época de campanha, havia assumido compromissos públicos de apoio à luta da população negra. (PEREIRA; SILVA, ano desconhecido, p. 07).

O que chama-nos atenção nesta passagem é que a referida lei fora aprovada em 1999, e apenas no ano de 2003 é que a mesma foi sancionada pelo ex-presidente Lula².

Contudo, apesar do esforço existente para a efetiva implementação da lei 10.639/2003 nas escolas, o que ainda se vê é uma situação de continuidade das práticas e dos valores eurocêntricos, como descreve Silva:

Observando essa situação, percebe-se que apesar da lei 10.639/2003 ser implementada, ainda é adotado, pelo sistema educacional brasileiro em sua grande maioria, um modelo curricular eurocêntrico, ou seja, racista e discriminatório que desconsidera e ignora a diversidade racial presente no Brasil. (VERGULINO; SILVA; SILVA, 2013, p. 09).

Assim, entendemos que muitos são os desafios a serem percorridos, mas algo já foi feito e está sendo construído gradativamente, pois sabemos que tudo se inicia com o primeiro passo. A Lei 10.639/03 serve como marco inicial, mas sabemos dos movimentos anteriores a esta, tais como o Movimento Negro, dentre outros que vieram como um verdadeiro grande salto para mudar a realidade deste país que, sabemos, que cedo ou tarde entenderá a verdadeira proposta do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas da educação básica.

² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> acesso em: 04 nov. 2015.

CAPÍTULO II

A CRIANÇA NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR: invisibilidade nos instrumentos pedagógicos

Alguns atributos culturais são adquiridos através dos conteúdos trabalhados no cotidiano escolar, e podem auxiliar o/a aluno/a negro/a na identificação dos traços culturais que lhes são inerentes, fazendo com que sinta orgulho de sua raça/etnia.

No entanto, é na escola que alguns instrumentos pedagógicos poderiam transformar essa realidade um pouco mais positiva, mas muitas vezes contribuem para a manutenção e o aumento do racismo e da discriminação, como é caso do Currículo e os Livros Didáticos. Estes que por sua vez, se não abordarem de forma correta o contexto em que o negro está inserido, estarão passivos de contribuir, mesmo que de forma indireta, com a manutenção do preconceito racial.

Portanto, neste capítulo discutiremos sobre esses instrumentos, visto nortear o fazer educativo de professores/as em sala de aula e como tal podem contribuir para a promoção da inclusão ou invisibilidade do/a negro (a).

2.1. Currículo: invisibilidade do (a) negro (a)

É indispensável que os currículos e livros escolares estejam isentos de qualquer conteúdo racista ou de intolerância. Mais do que isso. É indispensável que reflitam, em sua plenitude, as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileiras. **Ignorar essas contribuições – ou não lhes dar o devido reconhecimento – é também uma forma de discriminação racial.** (Brasil, 2005, p. 12, grifo nosso).

Desta forma, sabe-se que o currículo é um projeto que visa às orientações das atividades e das ações práticas dos/as professores/as com a intenção educativa. É tido como um instrumento que articula as possibilidades, necessidades, interesses e pretensões dentro de uma perspectiva de conjunto que tende para o

desenvolvimento de ação com a finalidade de promover a cidadania e formação cultural de cada indivíduo.

Portanto, para que o currículo atenda as especificidades de cada sujeito e contemple a dimensão política e social, é preciso que esteja focado na realidade cultural, pautadas nas questões subjetivas e objetivas, de modo que abranja conteúdos e métodos que atendam as necessidades de apropriação dos saberes culturalmente válido. (ANAYA; LEMOS; LIMA, 2006, p. 148).

Desta forma, para trabalharmos um currículo que inclua todas as culturas, por exemplo, temos que antes de tudo percebemos a diferença sociocultural dos/as alunos/as que frequentam a escola, visando promover a identidade destes, mas na maioria das vezes os responsáveis em promover as ações esquecem que o preconceito racial é uma realidade na sociedade e na escola, mesmo assim não inserem no currículo discussões sobre temáticas que valorizem, desenvolvam e promovam a identidade negra e legitimem a educação étnico-racial.

Nessa perspectiva, entendemos que o currículo precisa ser questionado, pois este precisa e deve conter todas as culturas a fim de promover a igualdade entre todos que compõem o cotidiano escolar. Desta forma, daremos visibilidade ao aluno negro e, ao mesmo tempo, orgulho de ser como tal. Acerca destes questionamentos, observemos o fragmento abaixo:

(...) Aponta a necessidade de questionamentos sobre a organização dos currículos nas escolas de educação básica. Afirma que, nesse contexto, os educadores, como transformadores sociais e sabedores de que o processo educativo acontece a partir do encantamento, da paixão, da vontade de ensinar e aprender (...). Considera que o encontro com as nossas verdadeiras raízes e a compreensão de quem realmente somos implicarão grandes mudanças nos paradigmas da educação. Reforça que abordar, em sala de aula, todas as culturas que construíram e constroem a nossa história é uma experiência que resulta em valorização de todos os brasileiros, mas que, para alunos negros, representa reconhecimento, respeito, estima elevado e orgulho de ser negro. (KRONBAUER; STROHER, 2009, p. 09).

A partir da citação acima, entendemos que o fator que se destaca no currículo escolar a partir de um ensino que visibilize o aluno negro de forma positiva, chama-

se: orgulho de ser negro. É assim que devemos olhar e perceber que tudo se transforma, uma vez que cada professor/a dará sua contribuição no que se refere às culturas que precisam ser incluídas no currículo escolar. Assim, estaremos contribuindo com o “orgulho de ser negro” e o respeito que a cada vez mais se dará ao diferente, mas semelhante.

Segundo Gomes (2006), não é tarefa fácil incluir no currículo escolar discussões sobre a educação étnico-racial, apesar de reconhecer que a construção social, cultural e histórica das diferenças, ou seja, a diversidade é algo belo.

De fato, não é tarefa fácil para nós, educadores e educadoras, trabalharmos pedagogicamente e inserimos no currículo uma discussão profícua sobre a diversidade cultural, de um modo geral, e sobre o segmento negro, em específico. Apesar de reconhecermos, pelo menos no nível do discurso, que a construção social, cultural e histórica das diferenças, ou seja, a diversidade, é algo belo e que dá sentido a nossa existência, sabemos que, na prática, no jogo das relações e poder, as diferenças socialmente construídas é que dizem respeito aos grupos sociais e étnicos raciais menos favorecidos naturalizados e transformadas em desigualdades. Nesse, se quisermos a complexa trama entre diversidade cultural e currículo, teremos de enfrentar o debate sobre as desigualdades sociais e raciais em nosso país. Teremos de entender o que é a pobreza e como ela afeta de maneira trágica a vida de uma grande parcela da população. E ainda deveremos refletir sobre o fato de que, ao fazermos um recorte étnico-racial, veremos que as pessoas negras e pobres enfrentam mais e maiores preconceitos e dificuldades em nosso país. Isso nos obriga a nos posicionar politicamente dentro desse debate e construir práticas afetivas e democráticas que transformem a trajetória escolar dos nossos alunos e alunas negros e brancos em uma oportunidade impar de vivência, aprendizado, reconhecimento, respeito às diferenças e construção de autonomia. (GOMES, 2006, p. 25).

A partir da visão do autor, compreendemos que mesmo não sendo tarefa fácil incluir temáticas que contemplem a diversidade racial presente na nossa sociedade, notamos que é necessário um esforço maior por parte de todos os envolvidos na comunidade escolar, a fim de que se criem formas de promover uma maior igualdade nos espaços escolares, buscando sempre o respeito mútuo entre as crianças no cotidiano escolar. Também entendemos que é necessário que a escola, instituição social responsável direta pela educação das novas gerações, assuma o seu papel frente à transformação histórico social que vem acontecendo nos últimos tempos. Com os avanços tecnológicos é preciso o/a professor/a saber, usufruir dos bens e serviços para obterem-se bons resultados na formação da identidade do/a

aluno/a, e possibilitar a mediação do sujeito que aprende com o mundo no qual está inserido.

Assim, dois aspectos importantes que não podemos esquecer: devemos, em primeiro lugar, garantir uma escola para todos e em segundo considerar que o currículo não está simplesmente envolvido no processo de transformação de conhecimentos e conteúdos, como afirma Gomes:

(...) primeiro, garantir uma escola igual para todos, que se constitua enquanto direito social, não se confundir com o currículo único a ser seguido por todos os alunos e professores. (...) Segundo aspecto que devemos considerar é que o currículo não está envolvido num simples processo de transmissão de conhecimentos e conteúdos. Ele possui um caráter político e histórico e também constitui uma relação social, no sentido de que a produção de conhecimento nele envolvida se realiza através de uma relação entre pessoas. (GOMES, 2006, pp. 30-31).

Se quisermos compreender o currículo como mecanismo envolvente temos, antes de tudo, que enfrentar o debate sobre a desigualdade social, política e racial existente no Brasil e que afeta de maneira trágica a vida de uma grande parcela da população. Ao fazermos o recorte étnico-racial veremos que as pessoas negras e pobres são as mais afetadas. Frente a essa situação é que Gomes (2006) faz referência ao currículo dizendo:

O currículo pode ser considerado uma atividade produtiva e possui um aspecto político que pode ser visto em dois sentidos: em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz). Ele também pode ser considerado um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, participar do processo de constituição de sujeitos (e sujeitos também muito particulares). (GOMES, 2006, p. 31).

Pode-se dizer que o currículo é parte fundamental para o desenvolvimento de um trabalho conjunto com outros instrumentos pedagógicos, os quais possibilitarão um melhor e maior desenvolvimento da educação em que as relações, principalmente, étnico-raciais se darão com mais qualidade no que tange ao respeito frente a uma educação de qualidade.

Por fim, observando o currículo em uma perspectiva histórica até os dias atuais, percebemos que vivenciamos uma transformação do currículo escolar. E para entendermos melhor essa transformação teórica curricular é preciso trazer para a prática, para a vida do cidadão enquanto sujeito construtor de sua história esses novos conhecimentos escolares, ou seja, explorar novos sistemas que do ponto de vista pedagógico estão começando a se enraizar.

Portanto, já está se encaixando esta prática que realmente influencia na formação do sujeito. Esta crítica ou transformação, como queiram dizer, se dá por diversas formas, pois muitos/as professores/as perceberam uma ligação entre muitos objetos do cotidiano ligados diretamente ao sujeito. Por exemplo, ganhando já espaço nas aulas acadêmicas, o brilhante trabalho analisando o contexto sociocultural e político de uma determinada época através de músicas que retratam todo um conhecimento de uma determinada sociedade passada. Também através de quadros e pinturas e tantos outros incrementos, a fim de que se possa construir uma identidade através da cultura. Contudo, a ideia não é exterminar o currículo tradicional, e sim poder complementá-lo. Pensando assim, é que novas propostas surgiram com a Lei 10.639/03, a qual traz novas perspectivas no sentido de implementar novas culturas no currículo escolar, nesse caso específico, a do povo africano e afro-brasileiro.

Temos que atentar para o novo currículo que aos poucos está ganhando espaço. É preciso que se trabalhe mais, pois diante da época que estamos não é tão fácil substituir o currículo tradicional ou menos complementá-lo como foi dito anteriormente. Sei que há muito a se explorar, basta fazermos críticas ao modelo de currículo que aí se encontra e acabar de vez com as barreiras pedagógicas, pois quando dizemos que o negro é invisibilizado dentro de um currículo, estamos apontando para situações que de certa forma destaca apenas conteúdos voltados para as culturas europeias, ou seja, principalmente dando foco nestes personagens e esquecendo que a forma correta é contemplar todas as culturas e não apenas destacar um sujeito.

2.2. Livros didáticos: invisibilidade do (a) negro (a)

Livros são instrumentos que circulam em todos os ambientes educativos, sejam eles didáticos ou paradidáticos. Trazem em seu contexto informações que constroem conhecimentos. Porém, os mesmos podem ser diferentes nos assuntos que tratam no formato, nas cores e etc.

Desta forma, abrir a possibilidade crítica dos educandos, esse é o ponto que abre as discussões quando tratamos da invisibilidade do negro no livro didático, pois é esse senso crítico que o/a professor/a deve despertar no/a seu/sua aluno/a. Afinal, a função específica deste instrumento é auxiliar o docente em suas atividades.

Muitas vezes as informações e as imagens presentes em um livro podem influenciar de forma positiva ou negativa na formação social e cultural dos/as alunos/as. A história da população afro-brasileira vem sendo construída e apresentada nos livros sob vários ângulos. Por exemplo, de acordo com Munanga (2005), pode-se afirmar que os livros didáticos não trazem a figura do negro como um agente que lutou e colaborou com a nossa cultura, pois os livros didáticos em “muitas ocasiões” só trazem o negro apresentado como um agente passivo de um sistema escravista da época do Brasil colonial.

Acerca de tal questão, Martins & Silva (2011), fazem referencia as formas negativas em que vários livros didáticos analisados, em sua pesquisa, apresentam o negro no contexto social de cada época histórica:

Nesta pesquisa averiguou-se a latente omissão das experiências de vida do povo negro enquanto categoria social formadora da nação brasileira, este aparece sempre na dualidade escravidão/mão de obra livre. É bem nítido o **escamoteamento** dessa parcela da população, bem como a simplificação ou a redução da sua contribuição cultural. Nota-se que a presença do negro nos livros didáticos é retratada de maneira **caricatural. Ao veicular o negro de maneira estereotipada, o livro didático contribui pra difundir uma representação negativa desse povo** em contraposição à imagem do branco, sempre salutar. Percebe-se, nas entrelinhas dos discursos, a ideologia do branqueamento que marcou a história da elite brasileira (MARTINS; SILVA, 2011, p. 01, grifo nosso).

Está devidamente confirmada a presença do negro no livro didático, como sendo sempre subjugado ao branco. Assim, necessitamos fazermos essa crítica. Desta forma, pra sermos uma nação igualitária teremos sempre que estarmos

fazendo essas indagações em diversos trabalhos acadêmicos, pois realmente acreditamos em muitas mudanças, afinal, como dito, é grande a presença de muitas inquietações nos trabalhos, como o que analisamos nessa pesquisa e nos autores com quem dialogamos.

De uma forma geral, os livros didáticos ainda apresentam o negro retratado como caseiro, babá, lavadeira, trabalhador braçal, etc. Não que está sendo retratado desta forma seja algo preconceituoso, mas percebe-se que querem por o negro em uma posição de uma pessoa que devido sua condição social não suba em um degrau, podemos dizer, mais alto da sociedade. O negro aparece também em situações que falam de escravidão e na condição de submisso. De certa forma, invisibiliza todo um universo africano e da história dos negros que vieram e foram escravizados no Brasil. Ou seja, sempre buscando representações negativas do negro. Observemos a imagem abaixo:



Fonte: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/consciencia-negra/africa-brasil/luta-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2015

A imagem acima é uma representação de uma “pequena moenda de cana-de-açúcar portátil” do pintor francês Jean-Baptiste Debret³. Embora essa imagem retrate uma cena de um aspecto do cotidiano do Brasil no período colonial, ela

³ Pintor e desenhista Francês (Paris, 1768-ed.,1848), membro da missão de artistas franceses solicitada por Dom João VI, chegou ao Brasil em 1816 . Foi nomeado professor de pintura histórica da Academia de Belas Artes (1820). Regressando a França em 1831, publicou em Paris de 1834 a 1839, Viagem pitoresca ao Brasil, de valor fundamental para nossa historia do começo do séc. XIX.

perdura como um reflexo de que as pessoas negras só vieram a ser passivas e não reclamavam de sua condição enquanto escravizada. Desta maneira, entendemos que esta forma de ver apenas a pessoa negra como trabalhador e submisso ao senhor é entendida como uma forma de “invisibilidade” deste povo. Afinal, o currículo e o livro didático sempre estão apontando para imagens estereotipadas das pessoas negras e dos africanos.

Embora o pintor não tenha intenção de inferiorizar o negro, a ideia de por sempre essas imagens até os dias atuais mostram de certa forma que o livro didático ainda vem ao longo dos tempos trazendo essas representações que, de certa forma menospreza, se essa é a palavra, o descendente de africano que ontem e hoje sempre lutou e luta por uma sociedade mais democrática em relação à questão racial.

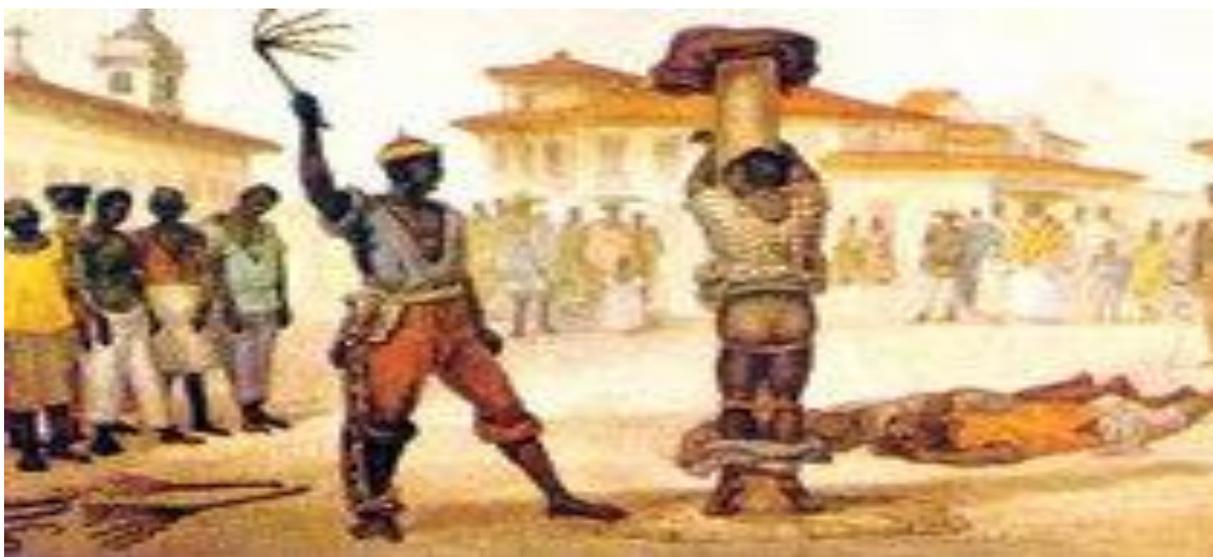
Por isso, o currículo deve ser pensado como instrumento pedagógico, pois norteia todo o trabalho desenvolvido na escola, tendo em vista as características do mundo e da sociedade contemporânea. O currículo é importante porque no espaço escolar existem diversos sujeitos, e nas práticas e relações que se desenvolvem na escola se manifestam diversas formas de preconceito que podem ou não serem legitimadas pelo currículo, tudo fica a depender de como o corpo docente da escola trabalha os conteúdos, a exemplo da história e cultura afro-brasileira e africana. Nesse sentido, professores/as devem dar mais importância aos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana presente nos livros didáticos, de modo que ao trabalhar tais conteúdos em sala de aula ultrapassem os estereótipos geralmente veiculados e valorizem aspectos positivos da história e cultura afro-brasileira e africana, sobretudo, da pessoa negra ressaltando sua luta em defesa da liberdade, dos seus direitos e sua presença na construção do Brasil em todos os aspectos. Deve-se fazer permanentemente esse exercício por que:

(...) nas imagens encontradas sobre os negros no livro faz com que se internalize uma construção pejorativa sobre a condição social do negro, que não é apresentado em momento de reivindicação ou em nenhuma posição de tomada de decisão da sociedade, quando sabemos que esse grupo racial participa (ou) ativamente de toda construção histórica na nação. (JESUS, 2012. p. 144).

Desta forma, temos que olharmos para a imagem do livro que retrata o negro sempre em uma posição de inferioridade, tentando sempre questionar o porquê e com qual intenção é proposta tal referência.

A imagem a seguir é outra obra do pintor francês Jean-Baptiste Debret. Nela, o negro é castigado pelo feitor. A partir de uma imagem desta, surgem nos dias atuais, diversos comentários, tais como: “negro só serve para trabalhar e apanhar que nem burro” e tantos outros termos pejorativos que até hoje estão presente em uma sociedade carregada de estereótipos. Então, resta-nos a missão de desconstruirmos tudo isso que hoje é representado nos nossos livros didáticos.

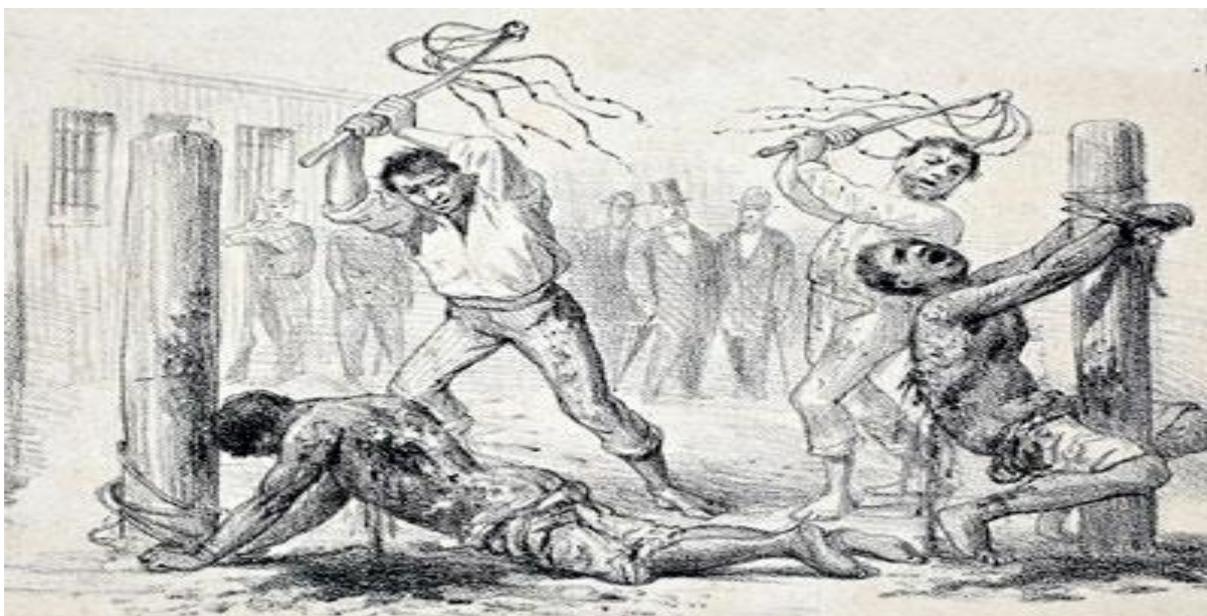
Mais uma vez, entendemos que o autor da imagem, não teve a intenção de mostrar o negro como um ser submisso, pois o mesmo estava representando o cotidiano do nosso Brasil em época colonial. Mas, o que estamos a observar neste contexto é que essas representações dentro de um espaço escolar sempre irão trazer desconforto de certa forma a uma pessoa negra. Desta forma, o/a professor/a precisa atentar a essas representações e mostrar para o/a aluno/a que mesmo diante de um sistema escravista tão cruel, o/a negro/a se organizava e não deixava se abalar com a opressão da época. Resultando em diversas revoltas contra o sistema escravista.



Fonte: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/consciencia-negra/africa-brasil/luta-no-brasil.shtml>> - acesso em: 30 ago. 2015

Na maioria das vezes o livro, um dos instrumentos utilizados para promover o conhecimento, traz conteúdos que atrapalham na promoção da identidade dos/as alunos/as estimulando, muitas vezes, o preconceito e racismo tão presentes na escola. Portanto, diante de uma realidade que é fato, resta como foi dito anteriormente, que o/a professor/a haja sempre de modo crítico diante dessas situações e não aceite o conteúdo como está proposto no livro didático. Assim, mesmo que este instrumento pedagógico traga consigo essas representações, um docente que esteja apto a desconstruir o que vem apresentado em tal situação, contribuirá de forma positiva para uma boa relação no espaço escolar.

Outra imagem recorrente nos livros didáticos, cujo conteúdo se assemelha a anterior, visto trazer a pessoa negra em condição humilhante. Acompanhe e observe que os castigos impostos a estes eram sempre muito fortes. Abaixo, dois escravizados são chicoteados no tronco. Ao redor, sempre tinham muitas pessoas e também muitos outros escravizados que assistiam a tudo, uma vez que o castigo era uma forma de exemplificar os demais escravizados.



Fonte: Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/morte-aos-escravos>>
- acesso em: 26 out. 2015.

Infelizmente, esse tipo de imagem ainda é recorrente nos livros didáticos podíamos mostrar diversos exemplos dessa natureza e mostrarmos a pessoa negra

que desde outrora está presente na construção da história e da cultura do Brasil, ainda é representado na sociedade de forma estereotipada.

Assim, é importante que ao escolher o livro didático professores/as busquem primar pela valorização do aluno/aluna frente à diversidade étnico-racial e sociocultural, isso é essencial para ajuda-los a manter a sua prática educativa, desenvolvendo-a com mais qualidade. Os livros didáticos ou paradidáticos também auxiliam na formação da identidade do/a aluno/a, como afirma Sá:

O livro didático é também uma ferramenta portadora de conceito, ideologia e conteúdos formadores de opinião, podendo transmitir as ideias, intenções e desejos que seus autores querem propagar, sendo que, em muitos casos, é o único acesso à leitura de alguns alunos. **Sendo assim, os livros didáticos contribuem na formação dos alunos e de sua identidade, formação esta em contínua construção.** (SÁ, 2010, p. 10, grifo nosso).

Desta forma, o livro como instrumento formador de identidade do/a aluno/a tem que trazer conteúdos que desperte no discente uma visão positiva em relação a sua etnia, pois são nas imagens encontradas nos livros didáticos que podemos dar nossa contribuição abordando de forma crítica as representações que por ventura só tragam mal estar ao aluno/a e a comunidade em geral. Assim, é importante observar livros que tragam histórias que ajudam a desenvolver o conhecimento histórico/cultural e, às vezes, manifestam estereótipos contra a comunidade negra que de certa forma a inferioriza/invisibiliza. Porém, selecionar bons livros que apresentem, ao invés de cenário discriminatório e preconceituoso, histórias com valores que visem à promoção da convivência e auxiliie na formação do processo identitário, ajude a desenvolver na criança negra, valores positivos que fará com que a mesma passe a se ver de outra forma mais valorizada, aumentando assim sua autoestima.

No entanto, este processo de “criticar a invisibilidade” da pessoa negra no livro didático, não se dar apenas na escolha de bons livros, mas como já destacamos anteriormente, é importante que o/a professor/a faça sua parte, como afirma Silva:

Entretanto, no ambiente escolar não são apenas livros didáticos e alunos que vão entrar em cena. Nesse contexto, a figura do professor também é fundamental. É no convívio e inter-relação entre livros didáticos, professores e alunos é que vai acontecer, ou não, o processo que chamamos de ensino-aprendizagem. (SILVA, 2008, p. 03).

Por fim, novamente frisamos o quão é importante ao escolher um livro, seja ele didático ou paradidático para trabalhar na sala de aula, pois o (a) professor (a) deve está atento ao conteúdo que o mesmo apresenta ou na escrita ou por meio das imagens, pois muitas vezes os mesmos apresentam conteúdos que podem estimular algum tipo de preconceito ou racismo. Desta forma, sempre observando se o material contribui para a autoestima da criança negra; também, procurar desenvolver o seu trabalho de maneira positiva e eficaz, usando o pleno desenvolvimento dos seus/suas alunos/as com o intuito de levá-los ao verdadeiro exercício da cidadania e de modo crítico, o que se fará com uma melhor aprendizagem.

CAPÍTULO III

O FAZER COM A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA ALEGRIA DE APRENDER – CUITEGI/PB

A referida escola uma instituição da Rede Pública Municipal de Cuitegi/PB. Está localizada na zona urbana da cidade. Essa escola não é muito grande, mas sua estrutura comporta bem o alunado, num total de 56, distribuídos por séries nos turnos da manhã e tarde. A turma do 2º ano conta com 16 alunos/as, sendo 09 meninos e 07 meninas. Dos 16, 08 alunos/as são negros/as. A turma do 3º ano conta com um total 10 alunos/as, sendo 07 meninos e 03 meninas. Dos 10, 03 são negros/as. Tanto os/as alunos/as do 2º ano, quanto os do 3º estudam no turno da manhã. O 4º ano conta com 17 alunos/as, sendo 12 meninos e 05 meninas. Dos 17, 08 são negros/as. O 5º ano, conta com 13 alunos/as, sendo 06 meninos e 07 meninas. Dos 13, 07 são negros/as. Os/as alunos/as do 4º e do 5º ano estudam no período da tarde.

A escola integra a Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Cuitegi, e oferece a comunidade local o Ensino Fundamental I, com as turmas do 2º, 3º, 4º e 5º anos. Essa escola não oferta o 1º ano devido de na localidade haver outra escola que oferece o ensino infantil.

Dos 56 alunos/as que frequentam essa escola “26 são negros/as”, ou seja, trata-se de um espaço escolar ocupado por crianças e adolescentes com ancestralidade afro-brasileira. Quase a metade do total dos discentes é afro-brasileira. Nesse quesito, identificamos os (as) discentes da referida a partir do fenótipo, ou seja, aqueles (as) alunos (as) que apresentam mais melanina em sua pele. Para tanto, o negro para se identificar como negro é necessário tornarem-se como tal, como nos mostra Gonçalves & Soligo:

No Brasil, ser negro é tornar-se negro. O conhecimento dessas questões pode nos ajudar a superar o medo e/ou desprezo das diferenças raciais ainda presente na escola e na sociedade. Entender essa complexidade é uma tarefa dos/as profissionais da educação. É tarefa de uma escola que se quer cidadã e, por isso mesmo, não pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática (GOMES apud GONÇALVES; SOLIGO, ano desconhecido, p. 06, grifo nosso).

O corpo docente dessa escola é composto por 04 professores (as) distribuídos nos turnos manhã e tarde, sendo duas professoras e dois professores. 02 auxiliares; 01 merendeira; 01 vigia; 01 coordenadora pedagógica; 01 diretora. A escola desempenha na comunidade, uma espécie de eixo de desenvolvimento cultural e, também, é o espaço de congregação das várias etnias, classes sociais e histórias de vidas diferentes, pois os/as alunos/as advém de famílias com realidades distintas, cada um com suas peculiaridades o que proporcionou escolher tal escola como campo de pesquisa.

Trata-se de um espaço onde ocorrem práticas culturais diversas, pois o ambiente é propício, sobretudo, porque a Lei 10.639/03 garante que a diversidade seja valorizada no ambiente escolar. Dessa forma, estudar cada cultura, de forma particular buscando valorizar os seus princípios fundamentais e a sua presença na construção e desenvolvimento sociocultural do país são caminhos que a escola deve seguir para por meio de o diálogo desenvolver o aprendizado e o crescimento dos/as alunos/as, sobretudo, o respeito às diversas culturas.

Assim, compreendemos que a escola pode e deve ser um local da desconstrução dos estereótipos sobre a história e cultura afro-brasileira e africana presentes na sociedade brasileira, haja vista, ser o espaço da produção e divulgação do conhecimento e da construção de novos sentidos aos saberes produzido. Portanto, nossos olhos voltaram-se a observar a realidade local, onde encontra-se a escola em estudo. Nossas observações se dão a partir do contexto socioeconômico dos alunos, pois a realidade de cada um interfere nas relações pessoais, tanto extraclasse como dentro da escola.

3.1. As Práticas Pedagógicas com a história e cultura afro-brasileira e africana na Escola Alegria de Aprender

O preconceito contra a história e cultura afro-brasileira e africana ainda é uma realidade. Por isso, esses conteúdos devem ser apresentados à comunidade escolar de forma repensada, diferente do já existente, de modo a garantir a liberdade de expressão a todos que compõem a comunidade escolar. Não nascemos preconceituosos ou racistas, nos tornamos devido à formação que recebemos; uma

formação pautada numa perspectiva de história eurocêntrica, que desvalorizava os povos africanos e suas culturas.

É nesse sentido que atentamos para a igualdade na diversidade cultural por meio da prática escolar que promova a escuta, à integração de saberes e a valorização dos valores culturais presentes na sociedade brasileira.

A hierarquização das raças e etnias que nos foi imposto pelas ciências, fez com que a história e cultura afro-brasileira e africana sejam vista ainda hoje de forma negativa. Mesmo diante disso, ela se fez e se faz presente na formação histórico-social do Brasil.

A distância entre os conteúdos oferecidos em sala de aula e a experiência de vida de cada aluno/a são resultados do fato de professores/as desvalorizarem a realidade dos/as alunos/as nos momentos de seleção dos conteúdos a serem ministrados.

Nem sempre os temas escolhidos para serem trabalhados em sala de aula estão relacionados com a vida dos/as alunos/as, suas origens. Por isso, é preciso que professores/as fiquem atentos e não repitam esse erro ao trabalhar com a história e cultura afro-brasileira e africana, visto esse tema abrir um leque de oportunidades de se trabalhar sobre vários pontos de vista e, dessa forma, discutir sobre as demandas presentes na sociedade no que se refere à diversidade cultural. Segundo Moura (2001):

A cultura enquanto universo simbólico através do qual se atribui significado à experiência de vida, orienta todos os processos de criação do homem não só no domínio das artes, mas também no que o homem, aprende ao longo de sua existência acrescentando-se ao que já sabe por herança dos antepassados. Como sua visão de mundo. Nas comunidades rurais negras, o uso das ervas medicinais, o modo de trabalhar a terra, de tirar dela seu sustento, as linguagens gestuais, a música, as festas, o modo de se divertir e o de morrer, cantar dançar e rezar constitui o contexto onde se tecem as teias de significados que recriam incessantemente sua cultura e sua identidade construtiva. Nas práticas dos moradores das comunidades, há um forte apelo ao reconhecimento dessa identidade como parte do grande mosaico através do qual se constrói a identidade nacional. (MOURA, 2001, p. 78).

Vale enfatizar que a escola ainda não tem uma visão abrangente da diversidade cultural e da importância de se trabalhar essa temática com a comunidade estudantil. Para isso é necessário que professores/as/educadores/as procurem desenvolver um processo educativo na escola voltado ao desenvolvimento

de ações afirmativas adaptadas a realidade local e nacional e com isso façam com que os/as alunos/as desenvolvam atitudes afirmativas relacionadas à sua identidade étnico-racial.

Portanto, para trazermos neste trabalho a realidade da referida escola, tivemos que optar pelo método etnográfico, pois a pesquisa necessitava de dados para compreendermos se a mesma traz em seu currículo/cotidiano o que propõe a Lei 10.639/03. Desta forma, como a própria etnografia diz, tivemos que ir a campo, ou seja, a referida escola, e fomos durante o período de 18 a 29 de maio de 2015. O objetivo foi observar/coletar informações no sentido de perceber se na escola os/as professores/as trabalhavam regularmente os conteúdos referidos a temática africana e afro-brasileira. Outro ponto observado foi se os docentes mantinham uma boa relação, no que tange ao ensino-aprendizagem e como se dar a relação no espaço escolar com os discentes e, em especial, o aluno (a) negro (a), que com um olhar mais atento ficamos a observar.

No geral, as turmas se apresentaram muito bem. Mas logo no primeiro dia de observação, a professora do 2º ano, que a chamaremos de (A) estava trabalhando justamente a história do povo africano, a professora falava de um personagem chamado Tio Barnabé. Na ocasião pudemos registrar uma das pinturas que a professora fez com seus alunos, como mostra a foto abaixo:



Fonte: SILVA, Valter do Nascimento da. Em 18/05/2015.

Pela imagem, percebe-se que a figura está caracterizada pela cor da criança, que a pintou. De fato, foi uma das características interessantes neste momento de recreação, pois a docente pediu para que cada aluno/a pintasse a figura com “lápiz cor de pele”. Tiveram outras amostras, mas destaco essa como um dos momentos em que a escola fez valer a Lei 10.639/03. Também é importante destacar nesta pesquisa, que mesmo os professores se empenhando para propor o que pede a Lei 10639/03, não basta ficar apenas desenvolvendo atividades como pinturas, ou mesmo contemplar um ou dois projetos que versam acerca da cultura afro-brasileira, pois é necessário ir mais adiante nos métodos de ensino, desta forma, propagando o que realmente se pede a lei, ou seja, em todo o currículo escolar e não só em pequenas abordagens em sala de aula.

Dentro do campo das manifestações culturais em que a escola propõe em seu currículo, destacamos também o momento em que os/as professores/as em conjunto com a direção escolar abordaram o momento histórico do dia “13 de maio de 1888”, data pela qual foi oficializada a abolição da escravatura no Brasil decretada na pessoa da regente, a princesa Isabel.

Além de trazer informações da importância do que foi esse dia, os docentes trazem diversas atividades como aulas expositivas, vídeos e também pinturas que retratam a pessoa negra mais feliz e não em um contexto de sofrimento, como destaco abaixo:



Fonte: SILVA, Valter do Nascimento da. Em 18/05/2015.

É nessa perspectiva que as escolas e docentes devem olhar a pessoa negra, principalmente naquilo que propõe um ensino mais igualitário e não buscando trazer o negro simplesmente como agente passivo. Na imagem, a professora propôs trazer um casal dançando e feliz, como forma de buscar um novo contexto em nossa sociedade.

Outro valor cultural que a escola sempre traz para os/as alunos/as, naquilo que é tradicionalmente cultuado dentro dos valores afro-brasileiros, é a capoeira que está sempre presente na vida cotidiana deles/as na escola em estudo. A capoeira faz parte do calendário de aulas do “Programa Mais Educação”, este que traz novidades para as crianças, buscando um ensino mais integral nas repartições escolares dando mais oportunidades para os discentes em desenvolver suas habilidades em outras perspectivas. Destacamos algumas fotos em que o instrutor e os discentes da referida escola se apresentam em um intercâmbio cultural em outra escola do município de Cuitegi/PB:



Fonte: SILVA, Valter do Nascimento da. Em 15/05/2015.



Fonte: SILVA, Valter do Nascimento da. Em 15/05/2015

Diante desse cenário de diversidade e cultura presente na escola. Trazemos informações, que além de vivenciar todo esse leque de aprendizado, a escola busca sempre ir além do dia “20 de novembro e o dia 13 de maio dia da abolição da escravatura”. Todo ano, professores/as da escola trazem em seu currículo projetos que contemplem de forma mais precisa a cultura africana e afro-brasileira, como destacamos em um fragmento do seu PPP:

Projeto: ‘Conhecendo e Reconhecendo os Valores Afro-brasileiros’. Apresentação do Grupo de Capoeira Infantil da Escola em Memória ao dia da Abolição da Escravatura contemplando atividades do Projeto Afro-brasileiro; também o projeto: Projeto Cultura que Fortalece. (PPP da Escola pesquisada, 2014/15).

A partir daí destacamos a preocupação e o mais importante à responsabilidade da escola e de seus membros em por no calendário de suas atividades projetos que sabemos, que a cada dia, trará frutos para acabarmos com as diversas formas de menosprezar seu semelhante.

Portanto, é perceptível que a presença dos valores africanos e afro-brasileiros estão a cada dia compondo o cotidiano das escolas. Apesar das dificuldades enfrentadas, mas a cada dia passos são dados e acontecem novas perspectivas no que tange ao ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas desse país.

Nesse sentido, a referida escola tem se mostrando como uma que se destaca em relação às outras de sua localidade. Mas, já identificamos que outras escolas já estão plantando as mesmas sementes plantadas na escola campo da pesquisa com relação à educação étnico-racial.

Passamos, neste momento do trabalho a se referir ao que foi dito pelos docentes, frente há umas questões que foram aplicadas aos mesmos em relação a preconceito, formação de professores/as, tudo isso aplicado no espaço e no cotidiano escolar.

3.2. Coleta de dados: análise das entrevistas do corpo docente

A pesquisa com professores/as também se realizou na perspectiva etnográfica, a qual consiste em uma abordagem de investigação. Portanto, traz algumas contribuições importantes no que tange as desigualdades sociais e dos processos de exclusão. Além das observações foram realizadas entrevistas no período entre 18 a 29 de maio de 2015, com o corpo docente da referida escola, cujo levantamento dos dados e observações foi feito junto aos 04 professores (as) das 04 turmas. Para tanto, alguns dados foram coletados dos docentes, tais como: nome do (a) professor (a); formação acadêmica e quanto tempo estavam na profissão.

Portanto, foram entrevistados 04 professores/as do Ensino Fundamental I. Do 2º ao 5º ano, cuja formação acadêmica dos docentes abrange as áreas de Pedagogia, Letras e Geografia. Como a principal proposta da pesquisa foi investigar no cotidiano entre professores/as e alunos/as a relação com os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana. Também verificamos quais os procedimentos adotados pelos professores/as frente às situações de discriminação racial ocorrida entre os alunos/as.

A partir de agora, passaremos a discorrer sobre as perguntas feitas aos docentes da referida escola. Assim, traremos as falas dos mesmos. Utilizamos letras para não identifica-los. Vejamos, no quadro abaixo, quais foram às respostas dadas pelos docentes aos questionamentos.

Pergunta 01: Você acredita que atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias em relação às “crianças negras” estejam prejudicando a sua relação com seus alunos? Por quê?

Professores (as)	
A	“Sim, porque atitudes preconceituosas encadeiam brigas, palavrões, discussões envolvendo pais de alunos causando sérios problemas de relacionamento sócio afetivo entre as crianças e ao professor”.
B	“Não. Porque graças a Deus ainda não tive problema algum sobre discriminação racial em minha sala de aula”.
C	“Sim. Porque as crianças mesmo existem preconceito por ser negro”.
D	“Não. Porque na verdade no meu local de trabalho neste ano letivo raras foram as vezes que ocorreu um fato relacionado a tais atitudes”.

FONTE: Professores da escola pesquisada – Cuitegi/PB – 18/05/2015.

Portanto, diante do questionamento percebemos que há divergência entre as respostas, como podemos observar nos fragmentos. Compreendemos que tal fato é fruto de relações raciais conturbadas, que diante do que se vê no cotidiano escolar, a cada dia se torna muitas vezes como rotina, a presença de situações preconceituosas e racistas. Então fica confirmada, na opinião dos docentes que ações preconceituosas trazem muitos prejuízos no espaço escolar e na vida em comunidade. Acerca dessa questão Cavalleiro destaca:

O preconceito representa um requisito importante para a manutenção da discriminação étnica, visto que um indivíduo preconceituoso não aceita, positivamente, o contato com negros na vida social o que para estes pode acarretar prejuízos econômicos, além dos prejuízos psicológicos decorrentes das experiências traumáticas vividas. (CAVALLEIRO, 1998, p.37).

Dessa forma, essas atitudes preconceituosas trazem sempre mal estar nas relações étnico-raciais no cotidiano escolar e, em muitas vezes, professores/as e alunos/as ficam distanciados em relação ao ensino aprendizagem. Vejamos o segundo questionamento.

Pergunta 02: Descreva uma situação na qual tenha presenciado uma atitude de preconceito e ou discriminação étnicos de uma criança em relação à outra? Como você se sentiu? Qual foi a sua reação?

Professores (as)	
A	“Na sala de aula criança chamando outra de gorda, viado, cabelo de bucha, piolhenta, não sentando perto, rejeitando dançar nas danças. Converso explicando que devemos respeitar os colegas para sermos respeitados, cantando a música a paz do mundo, lendo estórias sobre a diversidade”.
B	“Nunca presenciei. Mas se um dia presenciar, com certeza, vou me sentir muito triste. Mais minha reação vai ser desmitificar tal pensamento e ato do aluno para que possamos viver em uma sociedade sem preconceito”.
C	“Eu vi um aluno não querer brincar com seu amiguinho, porque ele era negro. No mesmo tempo que percebi essa atitude fiquei sem saber o que fazer na hora. Mas depois que vi que isso não podia existir em sala de aula chamei a criança expliquei que todos somos iguais independente de cor ou não”.
D	“Uma criança em uma atitude discriminatória e demonstrando um pleno sentimento de superioridade racial chamou o colega de ‘macaco’. Eu mim senti muito triste diante daquela situação. Minha reação de imediato foi repreender a criança, mostrando que todos somos iguais e não devemos tratar as pessoas de maneira diferente só pelo simples fato dela ter uma cor diferente e também que essas práticas discriminatórias são crimes”.

FONTE: Professores da escola pesquisada – Cuitegi/PB – 18/05/2015.

As redações dos docentes abordam situações cotidianas em que o racismo ocorre de forma explícita, de maneira que eles/as, em muitos casos ficam sem saberem o que fazer se não tiverem uma boa formação ou mesmo ter conhecimento da gravidade. Também sem saber que tais atos acarretam na vida dos/as alunos/as e na sociedade, como no geral, diversos problemas. Eles terminam deixando passar por despercebido, causando ainda mais preconceito e racismo no espaço escolar.

Percebemos também, que apenas uma docente em sua resposta, disse não ter presenciado uma situação preconceituosa ou racista até o momento em que a mesma leciona. Os demais descreveram e disseram como reagiram frente aquela situação. Frente a essa situação, Gonçalves & Soligo destacam:

O educador poderá ser um mediador dos estereótipos caso sua formação se pautar em uma visão acrítica das instituições com viés tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão. Por outro lado, a questão ligada à pluralidade cultural e étnica pode despertar neste educador uma postura crítica acerca dos instrumentos pedagógicos em voga no interior das escolas possibilitando-lhes a desconstrução de mitos, paradigmas e preconceitos historicamente veiculados na cultura escolar. (GONÇAVES; SOLIGO, ano desconhecido, p. 09).

Portanto, se o educador não tiver uma visão crítica, frente a esses questionamentos, principalmente, nos momentos em que ele presenciar situações de preconceito e racismo no espaço escolar, certamente, como traz a citação de Gonçalves, estará sendo um “mediador dos estereótipos”.

Assim, diante das respostas, compreendemos que o corpo docente está atento a tais situações, provando que aos poucos os/as professores/as estão a cada dia se dando conta da gravidade da situação e, dessa forma, desconstruindo as diversas formas de discriminação e racismo manifestados na escola.

Pergunta 03: Você concorda que o professor esteja preparado para trabalhar com uma população multi-étnica? Ou seja, com negros, brancos, pardos, índios, amarelos, etc; e para enfrentar os conflitos étnicos? Por quê?

Professores (as)	
A	“Não, porque precisamos de capacitação, conhecimento afro-brasileiro da cultura e tradições multi-étnica”.
B	Não. Porque tem que ter uma formação na área e na verdade os docentes não tem.
C	“Claro que sim, porque no meu ponto de vista somos iguais, só mudamos de nome e endereço”.

D	“Essa é uma questão muito relativa. Uma vez que generaliza toda uma classe. Então dizer que o professor esta preparado ou não. Acredito que poderia até ser um equívoco da minha parte. Mas penso ser muito satisfatório trabalhar com a diversidade étnica. Evidentemente que os conflitos existem, sendo assim, cabe a cada profissional que não tem uma certa segurança buscar uma melhor qualificação”.
---	---

FONTE: Professores da escola pesquisada – Cuitegi/PB – 18/05/2015.

Pergunta voltada diretamente para a experiência e formação docente. Destaco a citação de Gonçalves & Soligo, na pergunta anterior, como suporte a este questionamento.

Fiquei surpreso com as respostas dos docentes, pois apenas um concordou que o/a professor/a precisa está preparado para lidar com os conflitos étnicos. Na verdade, até certo ponto compreendemos as respostas, mas entendemos ainda mais que os docentes precisam sim de certa capacitação na área, como nos foi apresentado nos capítulos anteriores acerca do papel do docente frente a tal situação e como vimos no que traz Gonçalves e Soligo e tanto outros autores que escrevem acerca de tal questão.

Passaremos ao quarto questionamento, desta forma, compreendendo melhor a visão dos/as professores/as frente aos questionamentos étnico-raciais.

Pergunta 04: Quais são os preconceitos mais manifestos na escola? Normalmente, quais são os que aparecem mais?

Professores (as)	
A	“Apelidos citados são: gordo, sapatão, gay, cabelo de bucha, piolhenta. Rejeição para formação de pares nas danças e até mesmo sentar ao lado da criança”.
B	“Nenhum. Pois trabalhamos sempre com regras de convivência, de boas maneiras e isso tem nos ajudado muito”.
C	“Geralmente muitos alunos usam a expressão de negro com cabelo de bruxa ou até mesmo chamam eles de pretos. Já ouvir muitos dizer que branco só tem os dentes”.
D	“Negro preto, macaco”.

FONTE: Professores da escola pesquisada – Cuitegi/PB – 18/05/2015.

Esse tipo de questionamento, tentar mostrar até que ponto os/as alunos/as mesmo diante dos/as professores/as conseguem ter desrespeito pelos/as colegas. Pelo relato, um dos docentes cita um dos xingamentos mais típicos: “negro preto e macaco”. Outros, também são bem conhecidos, como nos mostra Nascimento:

Entre as diversas piadas que circulam em nosso meio, pode-se dizer que a grande maioria recupera determinados valores em torno do negro que envolve os seguintes aspectos: submissão, sujeira, limitação intelectual, feiúra, animal, inútil, safado, mal, entre outros. As frases como “negão” e piadas de “preto”, fazem parte do nosso cotidiano e são vistas como algo “comum” nas expressões do coletivo brasileiro, são elas: “Só pode ser negro”, “negro de alma branca”, “negro é a sujeira do mundo”, “é negro, mas presta”, “negro é igual a urubu só presta longe”, “negro fede a macaco”, “coisa ta preta”, “negro só é gente quando está no banheiro”, “negro quando não suja na entrada, suja na saída”, entre outras. Vale ressaltar que algumas dessas piadas ilustram a construção de estereótipos, de modo a identificar a predominância de elementos do preconceito e que apesar de muitas pessoas as considerarem engraçadas e humoristas, algo muito visível nas mídias, livros didáticos e comédias, todas têm sentidos pejorativos sobre o negro, de maneira a 5 ridicularizá-lo, diminuí-lo, menosprezá-los, a ponto de lhes colocar em posições desumanas. (NASCIMENTO, ano desconhecido, pp. 04-05).

É nesse contexto, que segundo mostra esse autor e os/as professores/as que as visões estereotipadas ficam em evidência na mente dos/as alunos/as e, posteriormente trazidos para a vida cotidiana. Esses termos pejorativos insistem com frequência no cotidiano escolar, trazendo sempre a tona uma melhor qualificação profissional e medidas que visem à promoção da igualdade racial nos espaços educacionais.

Assim, entendemos que entra em ação o docente e a escola preparados, pois é nesse cotidiano cheio de preconceito, que o/a aluno/a só pelo simples fato de ter uma pele com mais melanina é tratado como um ser em muitas vezes invisíveis. A referida escola, tenta a cada período, por meio dos seus docentes, desconstruir esse tipo de comportamento, embora seja, no cotidiano, que o docente vai fazer a diferença ao ver esse tipo de comportamento por parte dos/as alunos/as.

Como discutido nesse capítulo, a escola trabalha projetos que contemplem a cultura africana e afro-brasileira, destacando assim, o/a aluno/a negro como protagonista e agente construtor de sua história. Dando visibilidade positiva ao discente negro/a. Dessa forma, compreendemos que os xingamentos a cada dia irá desaparecer, ao menos, no espaço escolar.

Por fim, encerrando o quadro de questionamentos, apresentamos a seguir uma pergunta, a qual os docentes falaram acerca deles, no que tange a preocupação tanto deles, como por parte da escola em se trabalhar os conteúdos demandados pela Lei 10.639/03, na prática e no cotidiano, ou seja, diariamente. Então, acompanhemos o questionamento.

Pergunta 05: Existe preocupação, por parte dos professores, em desenvolver a Lei 10639/03, a qual trata da obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira e africana”, no espaço e no cotidiano escolar? Tem algum trabalho (os) específico (os)? Você conhece esta lei?

Professores (as)	
A	“Sim, a escola que leciono atualmente Alegria de Aprender, há 2 anos vem desenvolvendo projetos dos quais participei, foram: em 2014 – Conhecendo e reconhecendo os valores afro-brasileiros. Em 2015 – iniciamos o projeto A cultura que fortalece no mês de maio com finalização em novembro”.
B	“Sim. Trabalhamos sempre projetos que esteja ligado a cultura afro-brasileira, para que os nossos alunos possa conhecer melhor outras culturas além da nossa”.
C	“Na verdade não li nenhum trabalho não, mas na escola onde eu leciono nosso corpo docente temos a preocupação de trabalhar sobre o preconceito, o uso da lei a história e a cultura afro-brasileira. Na nossa escola trabalhamos o ano todo sobre o assunto abordado e está sendo bem gratificante”.
D	“Na escola onde trabalho sim. Inclusive estamos realizando o projeto cultura que fortalece, que trará justamente das questões históricas e culturais afro-brasileira. Sim eu já conhecia a lei 10639/2003”.

FONTE: Professores da escola pesquisada – Cuitegi/PB –18/05/2015.

Então, só pra fecharmos essa discussão e análise das redações dadas por parte dos docentes, concluímos dando ênfase ao trabalho realizado pelos/as professores/as desta escola do Ensino Básico, do município de Cuitegi. Podemos atestar que a realidade da referida unidade escolar, a cada período letivo se sobressai, uma vez que se têm profissionais dedicados a mudar a realidade do ensino e da aprendizagem no espaço escolar.

Pelas respostas dadas, temos a plena convicção de que o que foi mostrado neste capítulo serve como subsídio para outras unidades escolares da cidade. Assim, nossa discussão está concluindo-se, pois nos outros capítulos apresentamos autores que discutem toda uma teoria que serve como base, mas se não for de fato trabalhada na prática, nada do que é escrito em livros e trabalhos de conclusão de curso servirá ou valerá a pena, pois só conseguiremos mudar a realidade deste país com profissionais comprometidos com a causa e, assim, não só contemplar o que pede a Lei 10.639/03, mas mudar toda uma sociedade que desde os tempos primórdios inferiorizou o negro.

Desta forma, mesmo percebendo que os professores não apresentem uma certa capacitação para lidar com situações em que envolvam a temática étnico-racial, destaco que os mesmos, tem boa vontade para dar início a implementação destes conceitos que falam dos valores pluriétnicos presente na nossa sociedade e, posteriormente, desenvolvendo boas relações étnico-raciais no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção maior da pesquisa foi mostrar as relações étnico-raciais no espaço escolar, no que tange ao tratamento e ao ensino-aprendizagem dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana numa escola pública de educação básica, no município de Cuitegi/PB. Assim, tivemos uma visão positiva diante do que foi observado, pois professores/as da escola se preocupam em por em prática um ensino voltado para o pluriétnico.

Assim, dentre as questões discursivas apresentadas neste trabalho sobre a visão de alguns estudiosos referente ao preconceito racial presente na escola, destacamos a responsabilidade que temos como educadores, em promover e desenvolver ações que visem à consolidação e aprofundamento de conhecimentos, que promovam mudanças na história da formação sociocultural e étnico-racial do povo brasileiro.

Também vale lembrar que ainda hoje a escola, em uma visão geral, não tem buscado valorizar as diferenças histórico-culturais que integram a nossa sociedade. Sabemos que já existem unidades educacionais que se preocupam em trazer para seus cotidianos temáticas que envolvam as questões étnico-raciais, proporcionando mais igualdade entre as etnias, mas mesmo assim, existe a necessidade do resgate de valores pluriétnicos do povo brasileiro, que venham despertar no aluno o desejo de conhecer outros valores possibilitando o seu reconhecimento na história e na sua identidade.

Desta forma, a escola em todos os níveis e modalidade de educação tem como função social formar cidadãos, isto é, construir e reconstruir conhecimentos. Portanto, a escola poderá não apenas, contribuir significativamente, mas também, ser um lugar privilegiado para o exercício de uma cidadania consciente e comprometida com os interesses da maioria socialmente excluída.

Vale salientar que mesmo diante de tantas mudanças sociopolíticas que vem ocorrendo, o sistema em que vivemos ainda continua, de forma disfarçada, excluindo o negro. É diante disso que a escola, principalmente a pública que recebe

maior número de descendentes afro-brasileiros, a responsabilidade de fazer valer o que propõe a Lei 10.639/2003, passando a implantar no currículo temas que vise o resgate dos valores pluriétnicos do povo brasileiro e assim estimulando no aluno o desejo de conhecer a sua história e sua identidade.

Portanto, acreditamos que a valorização das diferentes manifestações artísticas e culturais de cada grupo, com suas especificidades pode fornecer condições suficientes à construção do desenvolvimento da identidade individual e coletiva.

Por fim, concluo este trabalho destacando a importância da escola Alegria de Aprender, esta que fora palco de toda a pesquisa. Compreendemos que a realidade desta instituição escolar se destaca em sua comunidade, pois verificou-se com a pesquisa que a mesma apresenta propostas curriculares e metodológicas que versam acerca das culturas africana e afro-brasileira, buscando sempre dar vez aos menos favorecidos: “o ser negro” no espaço e no cotidiano escolar desta instituição. Desta forma, contribuindo para ao menos, uma boa relação entre docentes e discentes no dia a dia, principalmente as relações étnico-raciais. Para tanto, acreditamos que a cada dia podemos fazer o melhor para mudarmos a realidade presente hoje na sociedade brasileira, em que o “ser negro” é desvalorizado e inferiorizado, não só no ambiente escolar, mas fora deste.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). **Educação com prática da diferença**. Campinas – SP, 2006.

ANAYA, Viviane; LEMOS, Maria de Fátima; LIMA, Marceline. Currículo escolar e construção cultural: uma análise prática. In: **Dialogia**, São Paulo, v. 5, p. 145-151, 2006.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. 2. ed. rev. e ampli. – Barueri, SP: Manole, 2005.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasileira: MEC, 2005.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/secretaria de educação fundamental – Brasília: MEC 2005.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Formação docente e cultura afro-brasileira. In: **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 3 - Nov. 2008 - ISSN 1983-2354 – Disponível em: <www.africaeaficanidades.com> - acesso em: 14 ago. 15.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. In: **Educação Antirracista**: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/topicos/do-sil%C3%A2ncio-do-lar-ao-sil%C3%A2ncio-escolar-racismo-preconceito-e-discrimina%C3%A7%C3%A3o-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil/0>> - acesso em 09 jul. 2015.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome->

instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=duran%20e%20o%20cotidiano> - acesso em 09 jul. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação Antirracista** - Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005/2006.

GONÇALVES, Luís Alberto Oliveira. **Negro e Educação no Brasil**. In: 500 anos de educação no Brasil. Eliana Maria Teixeira Lopes, Luciana Maria de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga (Orgs.). – 3ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias; SOLIGO, Ângela Fatima. **Educação das relações étnico-raciais: o desafio da formação docente**. In: GT: Afro-brasileiros e Educação/ n. 21. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT21-2372--Int.pdf>> - acesso em 26 out. 2015.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Cotidiano e cotidianidade: limite tênue entre os reflexos da teoria e senso comum. In: **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Gleny Duro Guimarães (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/85-7430-316-X.pdf>> - acesso em: 13 jul. 2015.

_____. O não-cotidiano do cotidiano. In: Gleny Duro Guimarães (Org.). **Aspectos da teoria do cotidiano** - Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/85-7430-316-X.pdf>> - acesso em: 13 jul. 2015.

JESUS, Fernando Santos de. O “negro” no livro didático de história do ensino médio e a lei 10.639/03. In: **História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-171, jan./jun. 2012**. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/11864/11360>> - acesso em: 13 jul. 2015.

LIMA, Adiles da Silva. A invisibilidade da cultura negra nos currículos escolares. In: Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer & Marga Janete Stroher (Orgs.). **Educação para a convivência na diversidade: desafios à formação de professores**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTINS, Roseli Figueiredo; MUNHOZ, Maria Letícia Puglisi. Professora, eu não quero brincar com aquela negrinha. In: **Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola**. Gislene Aparecida dos Santos (Org.). – 1ª ed. SP: Ministério da Educação – 2007.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. [Brasília]. Ministério da Educação, Secretaria de educação continuada. Alfabetização e diversidade, 2005.

MARTINS, Eduardo; SILVA, H. F. P. da. As imagens do negro no livro didático de história. In: **Desconstrução de mitos**: Revista Pitágoras – ISSN 2178-8243, Nova Andradina/MS, v. 1, n. 1 ago/dez 2011. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/finan/pitagoras/downloads/numero1/as-imagens-do-negro-no-livro-didatico.pdf>> - acesso em 26 out. 2015.

NASCIMENTO, Antônia Eunice de Jesus do. **Educação e preconceito racial no Brasil**: discriminação no ambiente escolar. Disponível em: <<http://dmd2.webfaccional.com/media/anais/EDUCACAO-E-PRECONCEITO-RACIAL-NO-BRASIL-DISCRIMINACAO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR.pdf>> - acesso em 26 out. 2015.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; STROHER, Marga Janete (Orgs.). **Educação para a convivência na diversidade**: desafios à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2009.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício. **Percurso da lei 10639/03**: antecedentes e desdobramentos. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos12/marc_mauric.pdf.pdf> - acesso em 24 ago. 15.

PROENÇA, Maria Gladis Sartori; TENO, Neide Araújo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. In: **Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS, v.1, n.3, p.132-145, set./dez. 2011**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/1521/pdf_103> - acesso em 13. Jul. 2015.

SÁ, Wellington Santana Moraes de. **A presença do negro no livro didático de história do ensino fundamental**: uma primeira análise. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/WSMS2010.pdf>> - acesso em: 24 ago. 2015.

SANTOS, Sales Augusto dos. In: Educação Antirracista: **Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Cleiton Sobral; SILVA, Débora Regina Machado; VERGULINO, Ana Rosa; Relações étnico-raciais no espaço escolar. In: **Revista Interação**. 12. ed., ano VII - v.1, n.2. Disponível em: <<http://www.portalamericas.edu.br/revista/pdf/ed12/artigo1.pdf>> - acesso em 29 jul. 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; VERRANGIA, Douglas. **Cidadania, relações étnico-raciais e educação**: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a04.pdf>> - acesso em 10 jul. 2015.

SOUZA, Irene Sales. Trabalhando com o preconceito e a discriminação na sala de aula. In: SILVA, Divino José da, LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (Orgs). **Valores, preconceitos e práticas educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ANEXOS

Questionário da entrevista aplicado aos professores da Escola Municipal Alegria de Aprender - Cuitegi/PB - ano letivo de 2015 – as séries do 2º ao 5º ano.

Nome do professor (a): _____

Formação: _____

Quanto tempo na profissão: _____

PERGUNTAS

1 – Você acredita que atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias em relação às “crianças negras” estejam prejudicando a sua relação com seus alunos? Por quê?

2 - Descreva uma situação na qual tenha presenciado uma atitude de preconceito e ou discriminação étnicos de uma criança em relação à outra? **Como você se sentiu? Qual foi a sua reação?**

3 – Você concorda que o professor esteja preparado para trabalhar com uma população multi-étnica? Ou seja, com negros, brancos, pardos, índios, amarelos, etc; e para enfrentar os conflitos étnicos? Por quê?

4 – Quais são os preconceitos mais manifestos na escola? Normalmente, quais são os que aparecem mais?

5 – Existe preocupação, por parte dos professores, em desenvolver a **lei 10639/03, a qual trata da obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira e africana”**, no espaço e no cotidiano escolar? Tem algum trabalho (os) específico (os)? Você conhece esta lei?



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CUITEGI
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO MARINHO DE SOUSA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o aluno do curso de Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil da UEPB – Campus III / Guarabira **VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA**, portador do RG 2916400 SSP/PB e do CPF 072145834-37 está autorizado a realizar a sua pesquisa de campo na Escola Municipal Francisco Marinho de Sousa, CNPG (03.201.667/0001-40) neste ano de 2015.

Cuitégi-PB, 18 de Maio de 2015

Flaviana Barbosa Galdino
Gestora Escolar MA: 237
E.M.F.M.S. - Cuitégi-PB

Flaviana Barbosa Galdino
(Gestora Escolar)